

AQUI ESTAMOS!

TESTEMUNHO E RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DOS FILHOS DE DESAPARECIDOS ROUBADOS DURANTE A ÚLTIMA DITADURA MILITAR ARGENTINA

Here we are! Testimony and reconstruction of the history of the children of disappeared stolen during the last Argentine military dictatorship

Analía Fridman 

Bacharel em Psicologia pelo Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina Florianópolis, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-7488-0248> 

A lista completa com informações da autora está no final do artigo 

*“No hay historia muda.
Por mucho que la queman,
por mucho que la rompan,
por mucho que la mientan,
la historia humana se niega a callarse la boca”.*

Eduardo Galeano

RESUMO

O presente trabalho constitui um estudo sobre o caso das crianças filhos de desaparecidos, roubadas durante a última ditadura militar argentina, que recuperaram a sua história na adolescência ou já adultos. Alguns desses jovens relataram a experiência vivida, através de uma série de testemunhos que ficaram registrados num documentário. A partir da escuta desses testemunhos realizei um percurso sustentado na teoria e experiência psicanalítica sobre a importância de testemunhar como agente reconstrutor da própria história, analisei a função do nome próprio como traço essencial na constituição subjetiva e abordei a noção psicanalítica de trauma e do estranho/sinistro (*Unheimliche*) para pensar os efeitos e marcas da invasão do real na vida daqueles que tiveram que reconstruir suas origens e suas histórias.

PALAVRAS-CHAVE: Testemunho, Nome próprio, Trauma, Psicanálise, Ditadura.

ABSTRACT

This article presents a study of children of the disappeared stolen during the last Argentine military dictatorship, who recovered their biographies during adolescence or as adults. Some of them told their experiences through a series of testimonies recorded in a documentary. By listening to these testimonies I present an examination, based on psychoanalytic theory and experience, of the significance of the practice of testimony as an agent of reconstruction of a person's biography; I analyze the role of one's proper name as an essential feature in the subjective constitution; and I mobilize the psychoanalytical concepts of trauma and strange/sinister (*Unheimliche*) to think about the effects and marks of the invasion of the real in the lives of those who had to rebuild their origins and their biographies.

KEYWORDS: Testimony. Proper name. Trauma. Psychoanalysis. Dictatorship.

1 INTRODUÇÃO

As palavras de Eduardo Galeano que abrem este trabalho são precisas e me permitem introduzir o assunto do qual pretendo me ocupar: a função do testemunho como possibilidade de reconstrução da história de sujeitos que foram atravessados pelo trauma extremo de uma descoberta sinistra. Trata-se especificamente dos filhos de desaparecidos durante a última ditadura militar argentina¹, instaurada entre os anos de 1976 e 1983, que foram apropriados por pessoas alheias a suas famílias biológicas e tiveram seus nomes e origens apagados. O foco deste trabalho foi colocado especificamente nos casos em que a verdade veio à tona e eles se depararam com a imensa e infindável tarefa de reconstruir suas histórias de vida.

Para a elaboração deste trabalho utilizei um material específico: um documentário de 8 capítulos, intitulado “*Acá estamos, historias de nietos que recuperaron su identidad*”² onde 14 jovens dão testemunho da história vivenciada³. A escuta desses testemunhos me permitiu pensar sobre a importância do ato de testemunhar como agente reconstrutor da própria história e possibilitou realizar articulações com categorias do corpus teórico psicanalítico como a noção de trauma, o sinistro (*Unheimliche*) e a força do nome próprio como marca fundamental da constituição subjetiva. Este documentário é uma coprodução da instituição “*Abuelas de Plaza de Mayo*”⁴ e do Canal argentino *Encuentro* com roteiro e direção da Paula Romero Levit e Pablo Fidalgo.⁵ Durante a última ditadura militar argentina algumas centenas de crianças e bebês nascidos em centros clandestinos de detenção e

¹ Embora chamo a última ditadura argentina (1976-1983) de “ditadura militar”, cabe salientar que se tratou de uma ditadura cívico-militar-eclesiástica-empresarial. O golpe de estado foi planejado e organizado por múltiplos setores de poder cuja cara mais visível foi a das forças armadas. Mas a ditadura teve um protagonismo importante da população civil assim como de grande parte do episcopado católico que emprestou claro suporte ao regime. Também houve cumplicidade de parte do empresariado, donos de meios de comunicação, políticos e funcionários judiciais que apoiaram e tiveram responsabilidade tanto nos planos de extermínio quanto na instalação de uma economia de matriz neoliberal.

² Aqui estamos, histórias de netos que recuperaram sua identidade.

³ Os filhos de desaparecidos recuperados que dão seu testemunho neste documentário são: Laura Catalina de Sanctis, Gabriel Cevasco, Carlos D’Elia, Marcos Suárez Vedoya, Martín Amarilla Molfino, Juan Pablo Moyano, Mariana Zaffaroni, Leonardo Fossati, Matías Reggiardo Tolosa, Gonzalo Reggiardo Tolosa, Victoria Montenegro, Ezequiel Rochistein Tauro, Pedro Nadal e Jorgelina Molina Planas.

⁴ Avós da *Plaza de Mayo*.

⁵ Editei, legendei em português e disponibilizei um compilado de 5 minutos de partes de alguns dos capítulos do documentário. O mesmo pode ser encontrado em: <https://vimeo.com/109652465>.

tortura foram roubados e apropriados⁶ por outras famílias. Em alguns casos as famílias apropriadoras tiveram participação no desaparecimento dos pais dessas crianças. Tratou-se de um plano sistemático do governo militar de “resgatar” essas crianças das suas famílias ditas subversivas. Estima-se que houve aproximadamente 500 casos de apropriação de crianças nessas circunstâncias. O documentário apresenta os relatos de alguns daqueles que conseguiram descobrir a mentira na qual foram criados e pretende estimular aos que duvidam da sua identidade e encorajá-los a partir em busca da verdade. Uma busca fundamental para suas histórias de vida, mas também para a história do país.

Assim como na Argentina, no Brasil houve alguns casos de bebês, crianças e adolescentes sequestrados pelos militares durante a ditadura de 1964-1985. No seu livro “Cativeiro sem fim”, o jornalista Eduardo Reina resgata a história de 19 casos de sequestro e apropriação de menores, recuperando fatos escondidos sobre a ditadura brasileira e tornando públicas as tristes histórias dessas pessoas que vivem até hoje num cativeiro sem fim, sem conhecer sua verdadeira identidade ou seus pais biológicos. Para Reina (2019, p.19) “o desaparecimento de pessoas, de seus corpos, de seus nomes, da sua existência jurídica é negar a existência de um crime por duas vezes. Há o desaparecimento e o desaparecimento do desaparecimento”.

Elaborei este trabalho sobre o testemunho dos netos recuperados na Argentina num tempo de trevas no Brasil, em que nos deparamos com o permanente desafio de recobrar princípios de humanismo fundamentais para o laço social, princípios que parecem estar fraquejando. Tempos em que se realizam homenagens públicas a torturadores da ditadura militar brasileira, tempos em que se defende desde a esfera pública um projeto político no qual aflora o que há de mais abjeto e condenável nas relações humanas. Tempos em que um presidente faz frequentes declarações infames e desumanas sobre o desaparecimento de pessoas durante o governo militar. Tempos em que somos convocados urgentemente a recuperar a história para podermos construir um futuro diferente. Proponho a partir da psicanálise e alguns de seus conceitos, acrescentar um grãozinho de areia nessa empreitada tentando resgatar uma parte da história dos acontecimentos sinistros ocorridos

⁶ Destaco aqui uma importante consideração sobre termo “apropriação”: chamamos este ato de “apropriação” e não de “adoção”, utilizando o signifiante escolhido por *Abuelas de Plaza de Mayo* e seus netos recuperados. A adoção é um procedimento legal que inclui uma sentença judicial que outorga a autoridade parental de uma criança a uma família, à qual a família biológica cede o desejo familiar legitimamente. A adoção é uma instituição nobre e necessária para a proteção da infância e não oculta a verdade. A apropriação é um ato ilegal cuja prática mais habitual é inscrever o filho/a como próprio o que representa um delito que demanda manter o segredo e construir o vínculo sustentado na mentira, violando o direito à identidade.

em nossas terras, e através desse resgate ascender uma chama que nos permita iluminar, pelo menos um pouco, o caminho.

2 O CONTEXTO HISTÓRICO

No dia 24 de março de 1976 os argentinos acordaram ao som de uma marcha militar em todas as estações de rádio e televisão. As forças armadas tomaram o poder através de um golpe de estado. Iniciava-se o que se conhece como a mais sangrenta ditadura militar na história do país, os chamados anos de chumbo, ditadura que durou quase 8 anos e deixou sequelas profundas e milhares de desaparecidos. Os militares consideraram fundamental eliminar qualquer opositor ao regime e isso fez com que morressem sindicalistas, políticos, artistas, intelectuais, poetas e outros que se atrevessem a pensar diferente. Surge nesses anos de opróbrio uma expressão tenebrosamente clássica: a figura do “*detenido-desaparecido*”⁷. As pessoas que eram sequestradas pelos grupos de tarefas dos operativos militares eram levadas aos centros clandestinos de detenção onde sofriam interrogatórios, torturas e desaparecimento. Não havia registro legal da sua detenção nem da sua morte. No seu escrito “*Nombre sin cuerpo, cuerpo sin nombre*”⁸ do livro “In-mundo”, Roberto Harari (1984), faz uma leitura psicanalítica da expressão “*detenido-desaparecido*”. Para Harari, a expressão composta constituiu um véu que ocultava a verdade sabida e renegada por todos. O significante “*detenido-desaparecido*” comportava uma expressão de desejo: a ilusão do aparecimento. A sustentação indissolúvel dessas duas palavras foi mantida quase com desespero, pois a sua desagregação provocaria a eclosão, nas consciências dos argentinos, da suspeita do horror do crime. Após o fim do sombrio período dessa ditadura militar, a ilusão explode, o véu cai e surge o rosto sinistro do real genocídio: um desaparecido não era mais um detido, era um morto. Foram 30.000 mortos ao longo desses 8 anos de ditadura (Harari, 1984, p. 139).

Harari (1984) nos fala da imagem de um Verdugo Onipotente, um pai sinistro, ilimitado, que aterrorizou o corpo social da Nação. Notável metáfora: “corpo” social, ao que se caracteriza como “ferido”. Feridas infringidas por esse poder totalitário através de armas dentre as quais um plano sistemático de apropriação de bebês e crianças pequenas, filhos

⁷ Detido-desaparecido.

⁸ Nome sem corpo, corpo sem nome.

das vítimas do desaparecimento forçado, plano por meio do qual se pretendia realizar uma “descontaminação ideológica”.

O plano de apropriação de crianças, uma das práticas mais características do terrorismo de estado durante a última ditadura na Argentina, consistia em ficar com os filhos dos desaparecidos e entrega-los a outras famílias mesmo diante da existência de familiares aos quais poderiam ter sido entregues.

Através da ruptura do vínculo entre pais “subversivos” e seus filhos, e da criação e educação destes últimos em lares com uma cultura baseada nos valores “ocidentais e cristãos”, os militares buscavam impedir a transmissão e herança, não só biológica, mas também cultural e identitária. Em síntese, impedir a possibilidade de reprodução – biológica e cultural – dos grupos “subversivos” (DIZ, 2019).

Algumas destas crianças nasceram nos centros clandestinos de detenção, onde suas mães permaneciam em cativeiro. Outras chegaram a conviver alguns meses ou até anos com os seus pais antes de que os mesmos fossem sequestrados. Algumas foram entregues ao sistema judiciário de adoção, falsificando a informação da sua origem. Algumas foram adotadas de boa-fé por famílias que desconheciam a sua origem. Outras, tomadas como botim de guerra, foram levadas por militares ou entregues a familiares ou amigos destes. Muitas delas cresceram sem saber que tinham sido adotadas. Outras, mesmo sabendo da adoção, desconheciam a sua história de origem.

No ano de 1977 um grupo de mulheres, mães de jovens desaparecidos, avós das crianças roubadas, subgrupo das “*Madres de Plaza de Mayo*”⁹, desafiando todos os perigos e obstáculos começou a se reunir na clandestinidade numa busca dramática e inesgotável que se estende até os dias de hoje. Anos mais tarde este grupo constituiu-se como “*Asociación Civil Abuelas de Plaza de Mayo*”, uma organização de Direitos Humanos Argentina que tem como finalidade localizar e devolver para suas legítimas famílias as crianças sequestradas-desaparecidas durante a ditadura militar (1976-1983). No devir do trabalho das *Abuelas*, mesmo tendo em alguns casos, a partir de denúncias anônimas, indícios de onde se encontravam seus netos, se colocava uma dificuldade que parecia insuperável: como provar perante um juiz que essa criança era neto/a dessa *Abuela*. Ao longo dos anos 80, a partir de uma breve matéria de jornal que falava sobre um homem que seria submetido a um exame para demonstrar sua paternidade, *Abuelas de Plaza de*

⁹ Mães da *Plaza de Mayo*. A associação *Madres de Plaza de Mayo* surge em 1977 a partir da organização de um grupo de mulheres que tentaram descobrir o destino de seus filhos desaparecidos. Uma das estratégias destas mulheres foi vestir um lenço branco na cabeça e andar em círculos em torno de um monumento, na *Plaza de Mayo* em Buenos Aires, frente à Casa Rosada, sede do governo argentino, ganhando deste modo visibilidade e transcendência internacional.

Mayo intuíram que, se fosse possível provar a paternidade, tal vez seria possível desenvolver um método para demonstrar a “*abuelidade*”. As *Abuelas* foram chamadas de loucas, mas elas sustentaram com força o que muitos consideraram uma utopia. Mas utopia não significa esperança ingênua.

Utopias são ficções fundamentais que precisamos criar para que possamos desejar outros mundos e de alguma forma não tomar a realidade que vivemos como a única possível.[...] Um não lugar que busca fundar outros lugares pela força da imaginação, que procura abrir espaço para um desejo de experimentação e para um posicionamento crítico do tempo que vivemos. [...] Não há violência mais cruel do que o anestesiamento de nossa capacidade de sonhar, de imaginar, de desejar. [...] A utopia indica nosso em falta com a história. O discurso utópico tem a função, portanto, de esburacar o real, abrir intervalos na continuidade da história e apontar nossa inconformidade com o que aí está. (SOUSA, 2021, p.41, p.67 e p.93)

Foi assim, em busca de uma utopia, que as *Abuelas* partiram pelo mundo atrás de cientistas que tivessem interesse em se engajar nesse projeto para a reconstrução do quebra-cabeças genético ao qual faltavam algumas peças essenciais. Poucos anos depois, a partir dos esforços das pesquisas genéticas ao serviço dos direitos humanos foi possível estabelecer com 99,99% de certeza a filiação mesmo não tendo material genético da geração desaparecida e as *Abuelas* conseguiam desse modo recuperar muitos dos seus netos roubados¹⁰. De imediato a instituição criou um banco de dados genéticos das famílias dos desaparecidos com o objetivo de armazenar informação para facilitar a identificação da verdadeira filiação biológica. Na década de 90, as crianças que tinham sido roubadas já eram adolescentes ou jovens adultos e as *Abuelas* produziram campanhas publicitárias voltadas para eles, acreditando que esses jovens poderiam estar duvidando da sua origem. Nessas campanhas convidavam a quem tinha nascido entre o ano 1975 e 1980 e que duvidava da sua origem a se aproximar da instituição das *Abuelas*. Estima-se que 500 crianças foram roubadas das quais até a data em que este trabalho está sendo escrito 130 foram recuperadas.

No ano de 2010, *Abuelas* iniciou a produção de um documentário no qual apresentam o testemunho de alguns jovens no processo vivenciado na restituição da sua história. Através deste documentário eles narram o caminho que transitaram após conhecer a sua origem e descrevem o impacto que sentiram ao se (re)encontrar com as suas famílias de origem.

¹⁰ 99,99%. *La ciencia de las abuelas*. Documentário que narra o trabalho das *Abuelas* e geneticistas para desenvolver a prova de DNA que fosse aceita nos tribunais. Disponível em: <http://encuentro.gob.ar/programas/serie/8350/7407>

3 NOME PRÓPRIO, TRAUMA E TESTEMUNHO

Os filhos de desaparecidos que recuperaram sua identidade sofreram um encontro traumático ao irromper a verdade em suas vidas. Ao discorrer o véu que ocultava a história de origem, eles foram invadidos por um real duplamente traumático. Ao mesmo tempo que descobriam que seus pais não eram seus pais, descobriam também que seus verdadeiros pais tinham desaparecido. Ao ser revelada a verdade eles se depararam com um sentimento de dupla orfandade, de duplo luto, e com a difícil e necessária tarefa de reconstruir simbolicamente a própria história. Além disso, na maioria dos casos, quem se constitui como agente da revelação da história é a própria família de origem através da instituição *Abuelas de Plaza de Mayo*. Muitos relatam inicialmente a força do desejo de não saber e o impacto traumático da descoberta de “ser outro”.

“Imagina quando alguém vem e te diz que toda a sua vida passa a ser completamente diferente porque nem sequer o seu nome é o seu nome, nem você faz aniversário no dia em que você festeja o seu aniversário, nem seus pais são os seus pais, nem você é quem você é. A culpa parece ser daquele que vem te dizer isso. Depois, quando você consegue racionalizar você se dá conta que pensar assim é uma bobagem.” (ZAFFARONI, 2012).

Leonardo Fosati, um dos jovens que testemunha no documentário, conta sobre a sensação que teve ao receber o resultado do exame de DNA:

“Fiz o exame e tive a grande surpresa: deu positivo. Me disseram: você tem uma família que está lhe procurando há 28 anos, seus pais não lhe abandonaram, eles estão desaparecidos. Você não nasceu em 20 de março, nasceu no dia 12. Você não se chama Carlos, seu nome é Leonardo” (FOSATI, 2012).

Na maioria dos casos, embora as crianças roubadas já tivessem um nome próprio, este nome foi apagado. Muitos desses jovens, após descobrirem sua história de origem, resolveram alterar o nome e sobrenome em seus documentos de identidade, recuperando o nome que tinha sido escolhido pelos seus pais desaparecidos. Alguns já tinham filhos e alteraram também o sobrenome dos filhos. Ao nascer uma criança, a atribuição de um nome é o ato pelo qual se funda a entrada do sujeito no mundo. Nome próprio, palavra fundadora, pequena etiqueta, dirá Lacan (1986b, p.31), símbolo essencial do ser no que diz respeito ao seu destino. Quando uma criança chega ao mundo, ela nasce envolvida por uma trama de referências imaginárias e simbólicas tecida por várias gerações. O desejo dos pais imprime uma marca fundamental na constituição subjetiva do filho. O lugar do sujeito já está

inscrito no desejo dos pais antes mesmo do seu nascimento e o nome próprio é um elemento fundamental nessa inscrição.

Slavutzky (2021) destaca os aportes de Jacques Lacan na sua transmissão sobre a importância do nome próprio:

Num dos seus seminários [Lacan] disse: “Vocês sabem, como analistas, a importância que tem em toda análise o nome próprio do sujeito. Vocês têm que prestar atenção sempre em como se chama seu paciente. Nunca sejam indiferentes”. Em outra oportunidade acrescentou: “O nome convida a falar”. Cada um de nós tem muito a dizer sobre seu nome, pois envolve mistérios originados nos desejos dos antepassados. O nome próprio tem diferentes raízes, há toda uma novela por trás de cada nome. Novela familiar que pode ser imaginada também como um teatro, tragédias e comédias, é o teatro do nome próprio. (SLAVUTZKY, 2021, p.27)

No Seminário 9 “A identificação”, Lacan (1961-62) situa o nome próprio como instância nomeadora, da ordem da Letra. Lacan nos assinala algumas características do nome próprio. É insubstituível, pois nenhum outro nome pode vir ocupar o seu lugar. É intraduzível, pois ao se transpor de uma língua para outra, mantêm a sua estrutura sonora. O nome próprio, segundo Lacan, é uma marca distintiva, símbolo essencial da ordem de uma insígnia, traço unário, significante em estado puro. O nome próprio é uma inscrição simbólica dentro de um sistema de parentesco, que permite que o sujeito se singularize e ocupe um lugar na ordem das gerações.

A mãe de Jorgelina Molina Planas foi sequestrada pelo terrorismo do Estado e desapareceu quando Jorgelina, uma das jovens que nos brinda com seu testemunho no documentário, tinha três anos. Dois anos antes seu pai também tinha sido assassinado. Ela foi adotada por uma família que mudou o seu nome e não lhe permitiu ter contato com seu irmão e sua avó.

“A lembrança mais remota que tenho é o dia que eu estava no lar (orfanato)... Cheguei com três anos e meio, quase quatro... Chegou a família adotiva e disse: a partir de agora você vai se chamar Carolina, somos a sua nova família, e a minha vida continuou como se eu começasse do zero... Eu cresci com aquele mandado: você não é Jorgelina com a história que teve, filha de pais desaparecidos, com um irmão que não viu mais [...] Isso tinha sido apagado. Você agora é Carolina, com a história que a gente te impõe e você deve se adaptar a essa história... Uma história sem memória, sem identidade, sem saber o que acontecia...” (MOLINA PLANAS, 2012).

A lógica que imperava nesses anos sinistros era a de apagar rastros. E diante dessa lógica, como diz Sousa (2021), se impõe uma responsabilidade de sempre buscar as cinzas, seja lá onde estiverem, abrir novos espaços, manter a memória viva. Foram necessários muitos anos para que Jorgelina, já adulta, tomasse a decisão de recuperar seu

nome de origem e pedir para todos no seu entorno, inclusive seus filhos, que não a chamassem mais de Carolina.

Widmer (2018) em sua tese doutoral entrevistou sete jovens apropriados durante aqueles anos escuros de ditadura militar argentina. Esta psicóloga recupera a história do sequestro de cada um, analisa os processos de restituição, os segredos com os quais eles cresceram, o momento da revelação e o caminho na direção da verdade da família biológica, dentre outros aspectos. Em alguns dos relatos ela detecta signos de memórias dos tempos primordiais das crianças separadas precocemente das mães sequestradas. Ela conta que dois dos seus entrevistados revelaram que quando crianças, ainda vivendo com as famílias apropriadoras, muito antes de descobrirem a verdadeira história, usaram em brincadeiras infantis os nomes que suas mães biológicas tinham lhes dado nos centros clandestinos de detenção.

Slavutzky (2021), ao falar dos labirintos e encruzilhadas como alegorias da condição humana, ilustra estas ideias da seguinte forma:

Um exemplo de labirinto é o nome próprio, pois cada pessoa recebe um nome e um sobrenome escolhidos pelos pais. Nesse nome se expressam seus desejos inconscientes. Ou seja: o que os pais depositam na escolha do nome de seu filho nunca será totalmente conhecido. [...] Cada pessoa é em si mesmo uma encruzilhada, que ocorre no presente, mas tem suas raízes nas gerações passadas. Assim, somos determinados tanto pelo desejo dos pais como dos pais dos pais, os avós. Para atravessar essa encruzilhada de desejos alienantes, é preciso construir um novo caminho. Essa construção é a odisseia que cada ser humano tem na vida. (SLAVUTZKY, 2021, p.27)

Os filhos de desaparecidos que foram roubados e que tiveram seu nome próprio alterado, foram privados dessa marca, desse traço distintivo que lhes conferia um lugar nas relações de parentesco. Este acontecimento traumático rompeu a cadeia significativa de origem, provocou uma fratura geracional e deixou um buraco na história de filiação desses sujeitos.

Mariana Zaffaroni, uma das jovens que testemunha no documentário relata que foi apropriada aos 18 meses de idade, e ao falar sobre o momento em que descobriu sua história de origem diz: “Eu fazia de conta que nada tinha acontecido. Foi um momento de grande confusão. É como se alguém atirasse uma bomba na sua casa e tudo ficasse de ponta cabeça”. Estes jovens sofreram uma dupla situação traumática: a do desaparecimento dos pais e o ocultamento da sua história e a do reencontro com a verdade. *As Abuelas de Plaza de Mayo* tiveram um enorme cuidado nos processos de restituição, cientes do que lhes foi traumático e da necessidade de elaboração. Ao longo dos anos de

espera pelo aparecimento dos netos desaparecidos elas trabalharam e se prepararam para esse momento. Dentre outras coisas, cada uma delas construiu um arquivo biográfico familiar, composto de registros orais, escritos e fotográficos que reconstrói a vida dos pais desaparecidos. Relatos de familiares, amigos e companheiros de militância e de cativo formam parte destes arquivos e permitem a cada neto recuperado conhecer sua origem e sua história. Vemos no documentário o quanto foi valioso para cada jovem receber esse arquivo, abrir as caixas da memória, começar a montar o novo quebra-cabeças de suas vidas. Preocupadas também com a singularidade do delito de apropriação, as *Abuelas* criaram um espaço de saúde mental integrado por psicólogos e psicanalistas capacitados para intervir em esta problemática específica.

Carlos D'Elia, nascido em cativo e criado por uma família de militares nunca suspeitou que aqueles que o criaram não fossem seus pais. Aos 17 anos chega a notícia, que ele relata com as seguintes palavras:

“Dúvidas não tive nunca, por isso digo que a minha vida teve um antes e um depois. Aos 17 anos houve esse ponto de inflexão. [...] Sentia que eles eram meus verdadeiros pais. Imagina como reagi, como alguém reage quando lhe falam: seus pais não são seus pais. Eu falei: você está brincando... Levaram-me perante o juiz e sem anestesia começou a me contar toda a minha história, quem eram meus pais, que tinha uma família que tinha me buscado por 17 anos e que tudo o que tinha vivido até aquele momento tinha sido uma mentira e que tinha que começar a minha vida de novo.” (D'ELIA, 2012)

Segundo o relato de Carlos, se passaram 10 anos até que ele pode elaborar o trauma da revelação, se apropriar dessa história e aceitar a família de origem como a sua.

A noção de Trauma esteve presente na psicanálise desde seus primórdios. Já nos estudos de Freud com Charcot o trauma era definido como um choque acompanhado por emoções intensas. Foi também centro das preocupações de Freud e Breuer que nesses tempos utilizavam o método catártico com o objetivo de induzir a ab-reação da experiência traumática. Nos Estudos sobre a Histeria, Freud (1996b) define o “trauma psíquico” como qualquer experiência que pudesse evocar afetos penosos tais como susto, angústia, vergonha ou dor física. Evocar, diz Freud, trazer para o presente algo do passado, ou seja, trata-se de um evento ocorrido num momento anterior, momento em que o aparelho psíquico teria tido dificuldade para processar a experiência por meio do pensamento associativo ou por reação motora. Com a ideia de trauma em dois tempos, Freud rompe com a noção de linearidade e progresso no devir psíquico, introduzindo uma temporalidade de outra ordem. *Nachtraglich*, palavra alemã utilizada por Freud (1996a) e traduzida por Lacan (1986a) como “*après-coup*”, “*a posteriori*” que denota que não é o passado que age

sobre o presente, mas é um evento atual que faz com que o sujeito ressignifique o passado e simbolize aquilo que não tinha condições de simbolizar no momento do primeiro acontecimento.

Freud (1996c) renova a atenção para o estudo do trauma com a Primeira Grande Guerra. Os pacientes que voltavam do front repetiam permanentemente em sonhos os eventos traumáticos vivenciados. Essa compulsão à repetição constituía uma contradição do princípio do prazer o que levou Freud (1996e) a escrever “Além do princípio de prazer” postulando uma série de reformulações teóricas cujo principal legado é a criação de um novo dualismo pulsional: a oposição entre pulsões de vida e pulsão de morte.

Na transmissão de Lacan encontramos a noção de trauma relacionada com a entrada do sujeito no simbólico. Lacan (1986a, p.250) usa o termo alemão *Prägung*, que significa marca e para explicar o sentido do termo nos oferece a imagem da marca que fica na moeda quando a mesma é cunhada. A *Prägung* é a marca impressa pelo evento traumático que não pode ser integrada ainda ao sistema verbalizado do sujeito. As marcas nem sempre são integradas no simbólico, nem sempre atingem significação no momento dos acontecimentos. Essas marcas permanecem e vão ressurgindo no percurso da história do sujeito conforme seu mundo simbólico se torna cada vez mais organizado. Quando essa primeira integração simbólica acontece numa forma perturbadora, a marca toma valor de trauma. Trauma e Real andam juntos na obra Lacaniana. O Real aparece nos ensinamentos de Lacan como o obstáculo ao princípio do prazer, o Real é choque.

Filho de militantes da organização guerrilheira Montoneros, Marcos Suarez Vedoya, foi levado para o hospital infantil Casa Cuna, quando seus pais desapareceram no final do ano 1976. Adotado por uma enfermeira da instituição, teve seu nome próprio apagado e passou a chamar-se Gustavo. Marcos revela a dificuldade de lidar com as duas histórias de sua vida:

“Eu e todos os que apareceram..., depois de saber a verdade, leva dois ou três anos para ir recalculando, com diz o GPS. Você vai somando tudo. E num momento você explode. Chega um momento em que se juntam as duas histórias e tudo não posso... no mesmo recipiente tudo não cabe”. (SUAREZ VEDOYA, 2012).

Para Lacan (1985, p.57), trauma é do registro do Real. O Real não é a realidade, pois a realidade está sempre sustentada numa construção simbólico-imaginária. O Real é o que escapa à simbolização. O Real é aquilo que é impossível de dizer. O Real é aquilo que invade, desacomoda, desestrutura. Ao pensar sobre as possibilidades de reparação diante

da desmesura do horror da violência de Estado e de seus efeitos nefastos no psiquismo, Refosco e Maccari Lara (2014) argumentam que:

A experiência traumática imobiliza e paralisa o sujeito, congelando-o na repetição e embotando a percepção da passagem do tempo. O sujeito se vê invadido por uma intensidade de excitação que extrapola suas possibilidades de elaboração. Pode-se dizer que o horror do trauma retira um dos valores fundamentais do sujeito humano – sua capacidade de pensar sobre si e de historizar-se. (REFOSCO; MACCARI LARA, 2014)

Como vemos no testemunho de Marcos, que relata que desde que soube a verdade da sua origem viveu um período muito acelerado, de descontrole, o Real o invadiu, as histórias se misturaram e produziram uma explosão, explosão subjetiva, o eu desabou, e como ele disse, não coube tudo nesse recipiente imaginário.

“Há um antes e um depois a partir desse dia: o Gustavo e o Marcos. O Gustavo tinha problemas de vício em drogas, trabalhava o dia todo na rua feito um louco. O Marcos me deu a opção de escolher muitas coisas. Eu vivia muito rápido, drogado, isto me fez colocar um freio”. (SUAREZ VEDOYA, 2012).

O testemunho destes jovens constitui um tratamento possível desse choque com o horror, dessa irrupção do real que não encontra representação. O testemunho, como tentativa de revestir com palavras, simbolicamente, aquilo que aparece como irrepresentável, o Real. O documentário objeto de estudo deste escrito nos mostra quanto o contar e recontar a experiência vivenciada forma parte do processo de reconstrução da história. O testemunho como trabalho de elaboração mostra quanto o poder narrar e expressar um sofrimento faz a vida resistir (SOUSA, 2021, p.71).

Testemunhar é falar e, como nos adverte Lacan, “falar é antes de mais nada falar a outros” (LACAN, 1985, p.47). É através da palavra falada que os filhos de desaparecidos recuperados, fundam sua posição enquanto sujeitos. Para Lacan, testemunhar não é pura e simplesmente comunicar. Trata-se de uma fala que não é desinteressada, pois não pretende alcançar o ideal da transmissão do conhecimento, alguma coisa sobre a qual todo mundo está de acordo. É uma forma de luta contra a alienação no Outro. Diz Lacan, “não é por acaso que isso se chama em latim *testis*, pois se testemunha sempre encima dos próprios colhões. Em tudo o que é da ordem do testemunho, há sempre empenho do sujeito, e luta virtual a que o organismo está sempre latente”. (LACAN, 1985, p.51).

Escutar o testemunho destes jovens através do documentário também nos coloca no lugar de testemunhas. Ao sermos testemunhas da experiência de outro, esta experiência, em alguma medida, também nos constitui. Sousa (2021), a partir da

experiência brasileira de Clínicas do Testemunho, nos alerta sobre a necessidade de testemunhar como força para resistir ao horror do não entendimento:

Fazer face a este horror nos obriga a testemunhar as histórias uma a uma. As histórias, escutadas uma a uma, rompem com a simplificação dos entendimentos teóricos que literalmente banalizam o mal ao encontrar uma suposta explicação científica histórica ou técnica para o horror. (SOUSA, 2021, p.116)

Há um caminho possível do trauma à subjetivação e como psicanalistas sabemos que esse caminho está na possibilidade de testemunhar e, através do testemunho, fazer história criando um novo futuro. Ao operar no limite do social e do subjetivo a psicanálise permite “historicizar as zonas irrepresentáveis e emudecidas que podem criar um novo laço social, um sujeito da palavra que possa romper com as verdades rechaçadas”. (PERRONE et GALLO DE MORAES, 2014, p.36). O testemunhar abre um caminho de passagem do excesso traumático mortífero ao registro da memória e da representação. Testemunhar implica reconstruir linguagens, redesenhar gramáticas, inventar novos significantes, insistência de honrar o acontecimento rasurado e esperança da possibilidade de que uma tempestade venha a lavar e remover a lama do esquecimento. (SOUSA, 2021b).

Nos testemunhos desses jovens, há um Real que perpassa: o horror diante da revelação de uma infância fundada no segredo e na mentira, e, em alguns casos o sinistro de terem sido criados pelos algozes dos seus pais desaparecidos. Eles relatam que a descoberta da verdade tem um efeito libertador da vulnerabilidade que o sinistro provocava na vida deles.

A criança apropriada vive familiarmente com uma situação que ignora, com um segredo terrível que perpassará de mil modos, através dos buracos da história, e através de todos os canais pelos quais se filtra um segredo desta natureza. Viver familiarmente com um segredo horrível é transformar o familiar em infamiliar. Isso é o que a clínica psicanalítica define como O Sinistro. (ULLOA apud HERRERA et TENENMBAUM, 2007)

Em 1919 Freud escreveu um texto chamado “O estranho” (*Das Unheimlich*), também traduzido como “O sinistro”. Nele Freud faz um estudo filológico do termo “*Das Unheimlich*”, descrevendo o sinistro como “todas aquelas propriedades de pessoas, coisas, impressões sensoriais, experiências e situações que despertam em nós o sentimento de estranheza. Segundo Freud (1996d, p.238), o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido e familiar” e cita o filósofo Schelling, ao dizer que o sinistro é aquilo que estava destinado a permanecer oculto e veio à luz. “Ainda que você caminhe por uma passarela com tapete vermelho, se embaixo houver um esgoto, você sente o cheiro” diz

Luz, personagem do livro “*A veinte años Luz*”¹¹, romance da escritora argentina Elsa Osorio que condensa traços de várias histórias de filhos de desaparecidos apropriados durante a última ditadura argentina. Aos 20 anos de idade, Luz, diante do nascimento do seu primeiro filho, começa a duvidar do seu passado. A imagem do bico da mamadeira do seu filho dispara nela um turbilhão de emoções cuja origem ela não compreende. Algo que parecia estar soterrado na sua memória luta por sair à superfície. Muitos dos jovens no documentário testemunham que pressentiam algo de sinistro em suas vidas. Pressentiam que havia uma parte que desconheciam, mas que anunciava algo espantoso, nas lacunas de suas histórias de vida, nos restos de lembranças e na proibição de falar de certos assuntos. Muitos relatam a frequente vivência de estranhamento perante a sensação de “ser outro”. Os testemunhos denotam que a descoberta da origem, em muitos casos, vem a confirmar o que eles já suspeitavam. Martín Amarilla Molfino, um dos jovens que dão o testemunho das vivências no documentário, diz que se dedica intimamente à reconstrução da sua vida e empenha-se nisso todos os dias. Procura “construir” os pais que não conheceu, recolhendo os testemunhos dos familiares e amigos e companheiros de luta de seus pais desaparecidos. Criado como filho único pelos seus apropriadores, ao descobrir sua verdadeira origem, descobriu também que era o filho mais novo de quatro irmãos e que os outros três irmãos estavam vivos. Ele relata da sensação de “não lugar” que acompanhou sua infância:

“Acho que desde muito pequeno tinha um assunto com os espaços. Se estava ou não estava, se me correspondia o espaço, onde estava. Porque em todos os espaços onde vivi, encontrava um desconforto, não me sentia totalmente confortável, então acredito que daí vem, em primeiro lugar, não estar no meu lugar, no meu espaço.” (AMARILLA MOLFINO, 2012)

Victoria Montenegro, uma das protagonistas do documentário, com apenas poucos dias de vida foi levada e criada por um coronel que participou do operativo em que seus pais foram sequestrados. Foi educada na ideologia dos seus apropriadores, que alimentou um ódio profundo por tudo o que estivesse relacionado com a subversão. A partir de denúncias ela foi obrigada a fazer o exame de DNA e ela relata o desespero ao descobrir que o exame tinha identificado seu grupo genético com um dos netos buscados:

“O que eu senti nesse momento foi uma vergonha terrível... terrível! Tinha vergonha de dizer para o meu marido que eu era filha da subversão. E depois, muitíssimo medo de que meu pai já não me queira. Eu era a subversão, eu era o inimigo, o mais sujo que existia, estava na minha pessoa, meu pai já não vai me querer! Eu não entendia que ele já sabia quem eu era...” (MONTENEGRO, 2012).

¹¹ A vinte anos Luz.

Victoria precisou de um longo tempo para compreender que aqueles que ela achava serem seus pais eram seus apropriadores. Um longo tempo para se permitir conhecer sua família de origem, para perceber que ela não era a única que sofria nessa história. Ao conhecer a família biológica descobriu que todo ano eles festejavam seu aniversário, mesmo na sua ausência, e que registravam o momento em fotos que lhe foram entregues quando ela apareceu.

Há somente três anos que eu consegui deixar de chamá-lo de papai, porque para mim, parar de chamá-lo papai era traí-lo. Quando te formam de determinada maneira, custa muito tirar o que não serve. [...] As pessoas não sabem da importância..., para que agora, depois de tanto tempo?... é que nunca devia ter acontecido isso, nunca deviam ter roubado as nossas famílias, e se soubessem a liberação que a gente sente quando sabe a verdade, com tudo o que a verdade tem, com toda a dor que a gente carrega, te coloca num outro lugar, pois tudo o que você tem a partir disso é autêntico... Eu vim ao mundo nesse lugar e alguém quis desviá-lo, e agora voltei. É isso. (MONTENEGRO, 2012).

Não é possível prever como serão destecidas as redes significantes que foram construídas através dos discursos dos apropriadores durante os anos que os filhos apropriados conviveram com eles (GIBERTI apud HERRERA et TENENBAUM, 2007). O modo deles metabolizar esses vestígios e incorporar os novos discursos das famílias biológicas permanece uma incógnita. As *Abuelas* se preocuparam com os efeitos traumáticos que poderiam sofrer os netos durante o processo de restituição às suas famílias de origem. Tentaram agir cuidadosamente, com pautas e critérios pensados em função da singularidade de cada caso, construindo essas pautas a partir da experiência. Segundo elas, os resultados foram positivos e esse reencontro com aquilo que já conheciam, com esse saber insabido, potencializou a reconstrução da própria história, ainda que com o sentimento de profunda dor pela descoberta do destino trágico dos seus pais (TEUBAL, 2003, p.242).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do caso dos filhos de desaparecidos que foram apropriados durante a última ditadura militar argentina (1976-1983) e que mais tarde recuperaram sua identidade, tentei destacar a importância do ato de testemunhar como agente reconstrutor da própria história. Fiz isso apoiada num documentário onde alguns deles nos oferecem o testemunho da história vivenciada.

Estes jovens, perante o trauma de descobrir o passado trágico, encontraram algumas saídas possíveis que, se bem não apagaram as marcas nem o sofrimento, ajudaram a suportar a dor. Formaram grupos que funcionam como redes de contenção onde o laço social entre pares propicia novas formas de significar a experiência traumática. Nesses grupos eles encontraram aceitação, acolhimento incondicional e respeito pelas decisões que eles tomam com relação aos laços com as famílias de criação. Na tentativa de colocar luz nessa história de sombras, tal vez como uma saída sublimatória, eles se expressam através das artes plásticas, da música, da escrita, do cinema e do teatro. Contam e recontam a sua história, procurando acrescentar pedaços aos poucos, recolhendo testemunhos de amigos e familiares de seus pais desaparecidos e dando o seu próprio testemunho. Reescrevendo simbolicamente a própria história como uma maneira de se libertar da ordem perversa na qual eles foram aprisionados por longo tempo.

Trago para encerrar este trabalho um dito de Lacan: “a história não é o passado”. O valor do que é reconstruído da história do sujeito reside não apenas no fato de que o sujeito rememora elementos formadores da sua existência. O que conta é o que a partir disso ele reconstrói. Ao falar da sua história ocorre a restituição do sujeito, a partir da restauração do passado. O poder da narração endereçada a um outro tem como horizonte uma forma de reconfigurar a vida. Essa reconstrução não é a revivescência, não é o revivido exato, pois, trata-se menos de lembrar, do que de reescrever a própria história. É importante falar da história traumática dos nossos povos, pois não reconhecer o patrimônio mortífero que nos atravessa nos coloca no risco da repetição. Porque se algo sabemos desde Freud, é que o traumático, quando não elaborado, individual ou coletivamente, se transmite e se expressa como compulsão à repetição. Trata-se de recordar para não repetir, lembrar para bem-esquecer, falar para cicatrizar as feridas.

REFERÊNCIAS

Acá estamos, historias de nietos que recuperaron su identidad. Direção: Paula Romero Levit. Produção: Abuelas de Plaza de Mayo e Canal Encuentro. Realização: Barakacine y Zafra Producciones. Buenos Aires, 2012. Disponível em: <http://encuentro.gob.ar/programas/serie/8376> acesso em março de 2022.

DIZ, María Luisa. **Abuelas de Plaza de Mayo, hijos de desaparecidos, nietos recuperados y hermanos: de las “labores detectivescas” a las acciones y producciones culturales, artísticas y mediáticas.** *Hallazgos* [online]. 2019, vol.16, n.31 pp.61-89. Disponível em:

<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-38412019000100061&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1794-3841. Acesso em março de 2022.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria (1893). In: (Breuer e Freud). **Obras completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v.2. 350 p.

_____. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos (1893). In: (Breuer e Freud). **Obras completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v.2. p.39-53.

_____. Introdução a A psicanálise e as neuroses de guerra (1919). In: **Obras completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v.17. p.221-231.

_____. O estranho (1919). In: **Obras completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v.17. p.235-273. 23

_____. Além do princípio de prazer (1920). In: **Obras completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. v.18. p.13-75.

GALEANO, Eduardo. **Patás Arriba. La escuela del mundo al revés.** Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1998.

HARARI, R. **Psicoanálisis in-mundo.** Buenos Aires: Ediciones Kargieman. 1994.

HERRERA, Matilde; TENEMBAUM, Ernesto. **Identidad, despojo y restitución.** Buenos Aires: Editor Abel Madariaga, 2007. Disponível em: https://www.abuelas.org.ar/archivos/publicacion/identidad_restitucion.pdf. Acesso em março de 2022.

LACAN, J. **O seminário. Livro 1:** os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986a.

_____. **O seminário. Livro 2:** o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986b.

_____. **O seminário. Livro 3:** As psicoses (1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. **O seminário, livro 9:** a identificação (1961-1962). Inédito.

_____. **O seminário, livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

OSORIO, Elsa. **A veinte años Luz.** Buenos Aires: Ediciones Colihue, 2014.

PERRONE, Claudia; GALLO DE MORAES, Eudema. **Do trauma ao testemunho: caminho possível de subjetivação.** Clínicas do Testemunho. Reparação psíquica e Construção de Memórias. Porto Alegre: Editora Criação Humana, 2014.

TEUBAL, Ruth. (2003) **La restitución de niños desaparecidos-apropiados por la dictadura militar argentina. Análisis de algunos aspectos psicológicos.** Cuadernos de Trabajo Social. N. 11. Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Buenos Aires, Disponível em https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/5637/1/ALT_11_13.pdf acesso em março de 2022.

SLAVUTZKY, Abrão; SOUSA, Edson Luiz André de. **Imaginar o amanhã.** Porto Alegre: Diadorim Editora, 2021.

SOUSA, Edson Luiz André de. **Palavras para um memorial.** Psicanalistas Pela Democracia. Disponível em: <https://psicanalisedemocracia.com.br/2019/12/palavras-para-um-memorial-por-edson-luiz-andre-de-sousa/>. Acesso em março de 2022.

WIDMER, Vania. **Identidad y filiación: niños desaparecidos durante la dictadura argentina: una clínica de la singularidad.** Buenos Aires: Editora Letra Viva, 2018.

NOTAS

Anália Fridman

Bacharel em Psicologia pelo Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina. Pesquisador autônomo, Membro de LAEP - Laço Analítico Escola de Psicanálise. Florianópolis, Brasil.

E-mail: analiafri@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-7488-0248>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua das Tibiras, 593 – CEP 88053-479 – Florianópolis – SC - Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente e com profundo carinho aos psicanalistas e professores Dra. Ivanir Barp Garcia e Dr. Edson Luiz André de Sousa que iluminaram meu caminho na elaboração deste trabalho.

Concepção e elaboração do manuscrito: A. Fridman

Coleta de dados: A. Fridman

Análise de dados: A. Fridman

Discussão dos resultados: A. Fridman

Revisão e aprovação: A. Fridman

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo (link de acesso ao documentário).

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Javier Ignacio Vernal e Silmara Cimbalista

HISTÓRICO

Recebido em: 25-07-2022 – Aprovado em: 28-10-2022 – Publicado em: 25-11-2022